
Ricardo José de Almeida



Trança
de
Passamanes

Trança de Passamanes

Ricardo Almeida



Índice

A chácara santa teresa	4	Idolatria	20
A figueira.....	5	Incógnitas sombras.....	21
A rua dos plátanos.....	6	Já que estás calada	22
Aceno	7	Marília.....	24
Alma sempiterna	8	Na campina	25
Apelo.....	9	Não visitem o poeta	27
Aquaval, um navio.....	10	O adágio do ancião.....	28
Argonauta.....	11	Paisagem invernal	29
As dunas.....	12	Palidez do que persiste.....	30
Balada de verão.....	13	Pedi teus olhos	31
Coração petiz	14	Perdi a hora	32
Distância	15	Ritual.....	33
Elementos.....	16	Se algum signo do ocaso.....	34
Ermo entardecer	17	Sempre a nós	35
Esmeril	18	Trabalho na pedra.....	36
Estações.....	19		

A chácara santa teresa

A chácara Santa Teresa
eu reconheceria sempre,
mesmo com roupagem de mil anos.
Obliterado seu verniz eu o recitaria.

De seu gnaisse soltamos asas intuitivas,
bebemos vinhos sobrenaturais,
exalamos pubescência
sob a resina da lua baça.

Na cútis do verão aviamos infusões,
fomos sentinelas das estrelas permeadas
no arcaico umbu de braços generosos.
As peles amavam e as mentes vagavam.

No inverno a voz pincelava a bruma.
Entre-escondiam-se as aléias
onde brincávamos de esconde-coração,
culto aos totens da juventude.

Fundada a república dos sentidos,
estatuído o frêmito interior,
apoteóticas baladas
singravam a lira de nossas vidas.

A figueira

A figueira contra o muro eterno
- arranjo indelével -
canta por si
o poema que até então descumpri.

Canta em leite acre.
Usa a tinta das silhuetas
para desenhar arabescos sobre as pedras
do muro eterno.

Puxa-me a orelha da memória
- ainda existo, ela não mais existe -
assim seu tendão subsiste
em meu olhar hialino.

Enquanto saúdo a saudade
ela tomba folhas fundamentais
em solo expirado,
humo na recarga da raiz ao figo.

O muro eterno
crivado de fendas por onde a liberdade transitou
- dentre os painéis da infância -
hoje deposto é grês onde transudam figos maduros.

A rua dos plátanos

As cascas, as vogais, os braços
da rua Vasco são fragmentos de laca,
lascas de madeira canora,
plissado que borda o ladrilho aquecido.

São folhas de cinco pontas,
verde dormido, ouro desperto,
valsa pênsil na pauta dos galhos,
fricção reminiscente.

São sonhos em pássaros-correio,
luas sempiternas estourando globos de iluminação,
cadeiras na calçada,
gafanhotos, besouros, lenho, líber.

Aceno

Solto a voz no talvegue dos vales,
no cimo das cordilheiras:
perde-se sem resposta alguma.

Revolto a fronte e me debato.

Solto a voz no mar alto, inóspito;
no mar raso, espraído:
não ouço replicar algum,
em vão espero ecos que não vêm.

Revolto a fronte e me debato.

Solto a voz incontinente:
ainda que o vazio a dizime, eu chamo.

Alma sempiterna

Nasci numa fronteira de curso livre,
daí o hábito
de estirar limites à flexão da ruptura.
Nasci onde os mapas traçam
mas não dividem,
e as linhas transpassadas
por andantes das doble-pátrias
instauram o colapso da cartografia:
Livramento-Rivera, beijo geográfico.

Nasci numa terra
onde o amor tem a noção do sem-fim,
onde a concepção do sempiterno
sustenta a flâmula antifronteira.

Nasci num lugar de beleza ampla,
água pura e verde largo dos campos,
onde a poesia possui cascos de prata,
estalados na voz dos pajadores e vates.

Nasci, estou, e terei descanso
ao cruzar a fronteira desta vida,
num lugar onde os homens aprendem
desde cedo
a tombar palanques de demarcação
e alargar contornos no infinito.

Apelo

Não uses, amazona, a aljava
de cupido para me ferir assim
- no irromper da seta,
fazer-me escravo.

Não me dê na boca discursos
vulgares face à hipnose do veneno
impingido por tuas mãos de arqueira
morte cruel
diante do corpo lascivo que exhibes.

Não me extermines jurando amor fletido
em réplica à extrema-unção.

Em face do olhar que me condena
abate-me ao íntimo da dor
mas não até onde o brio se degrade.

Aquaval, um navio...

Aquaval, para onde podes me levar...?
Para que bizarras paragens e além mares...?
Quantas promessas de aventura
guardas em tua conformação
que resume
incontáveis marés viajadas?
Simbolizas o abandono da paisagem cansada
em favor do desejo de outra paisagem;
a exposição a sóis e faróis
que removam tudo de onde está.

Argonauta

Do peitoril desta janela
que desemboca no mar,
vou encadeando um audacioso poema
com a fragrância das algas,
a umidade da areia,
a convolução sequencial das ondas.
Meu pensamento navega
adivinhandando quilhas.
Vai mais fundo o poema-jangada,
respeitando os recifes,
mas não temendo espatifar-se.
Quer chegar a golfos invioláveis
pela visão.
Sabe que é um desafio,
mas com velas já além do olhar,
quer ter o mar!

As dunas

As dunas não guardam nada de si:
nômades
tocadas pelo açoite do vento.

Insatisfeitas com as carícias do ar?

Migram perfis ondulatórios,
cordas puxadas pelos dedos do mar.

Tentam uma paliçada
que decante sua melancolia.

Balada de verão

Conchas marinhas escondem amavios.
A dois passos a água me cobrirá o tórax
na travessia da península à ilha.
A natureza me fez estes favores:
estou salino, economizo lágrimas.

Um bar de batuque e meia dúzia de coqueiros
são uma floresta e um carnaval
na pequena ilha.
O luar à fantasia atira serpentinas feéricas.

Rochedos, musgos,
as paredes da ilhota são um quadro-verde,
cartório de amores de estação gravado nos panos
de sílica.
Há uma frase a ser acrescida:
vem, pela mão da água, e deságua, aqui,
a poesia represada que há em ti.

Um suco de frutas com cana me põe
desbragado a entrevistar as ondas que estouram
no pontal, piano de nácar.
Escalo o penhasco até o cimo.
Medito na coroadada penha.

Lá embaixo, na baía luzaguada,
as mulheres que espero que me esperem,
são sereias pelas quais perderei todas as lendas.

Coração petiz

Lembro meu coração petiz,
recortando páginas de uma enciclopédia
ilustrada,
para te enviar, no verso das figuras,
cartas de poesia crua.

Imagino o quanto as paisagens
dos Jardins da Babilônia,
do Rio Nilo, dos Canais de Veneza,
sentiram-se atônitas e compadecidas
pelos versos aprendizes
que lhes raspavam as costas.

Nunca o Sol da Meia Noite
viu um encordoar de estrofes
mais estudantil e ingênuo.

Pobre enciclopédia mutilada,
jamais imaginou
que emprestaria seu caráter grave e erudito
a emoções tão primitivas.

Mas aceitou, confortada,
a verborragia advertência:
sabia que era o açoite
de um amor desprotegido.

Distância

Minha distância de ti
tem a extensão
da incompetência em existirmos
de modo convincente
à fome de cada um.
Ainda assim tenho receio
do quanto abandone de mim
preservando-me de ti:
o que me arde legítimo,
confunde-se eternamente
à espera de ter-te.
Minha distância de ti
é a loucura infatigável
que me faz amante combalido
a contar as dobras frias do lençol
que o amor dissidente não sujou.
É o que me faz cidadão expatriado,
nauta sem destino
além da fantasia.
É o que me faz agora,
morrer plenamente na textura do mar.

Elementos

Três elementos do ser:
corpo, alma, pensamento.

O corpo é prazer real;

O pensamento é prazer virtual;

A alma é fluido do sobrenatural.

O sentimento,
que não figura na trilogia,
perambula indefinido.

Ermo entardecer

Entardecer sozinho neste lugar
ao sul de qualquer coisa
ao sul de tudo
é dor sem precedente.
A chuva passageira
moldou meus passos na lama
e incorporou-me em pensamentos.
Aqui a quietude se faz tamanha
que se pode ouvir
o animar de um sentimento!

Esmeril

Tardes inteiras, e noites,
e manhãs,
a roçar os pensamentos.

Se faz do nada,
cresce fundo e causticante
abrindo feridas no tino,
esfola até a escarna
da estesia.

Ano após ano
revisita o estigma cunhado
em sua herança.

Nega tiros de alívio.

Ainda que a memória seja leve
o vento não esquece!

Estações

A primavera repõe folhas levadas,
castigadas de outono.
Também a esperança
sofre achaques,
mas se recupera
na mudança de estação interior.
A intempérie castiga.
A vida castiga.
Mas há uma coisa cíclica:
uma esperança, após a outra desfolhada.

Idolatria

Gostaria de cantar-te,
pintar teu retrato com perfeição
de luz onírica.

Temo não ser fiel
na escolha dos acordes
e das tinturas.

Temo que emudeçam
as palavras exatas
para traduzir
teu ritmo e tua imagem.

Ainda que impreciso o culto,
lhe dá valia a intenção:
o amor que o faz, o sublima.

Por isso, mesmo sem palavras,
me ponho a trabalhar
o cerne flexível do vento,

para com as letras volantes
escrever no ar
que te ocupa a derme toda.

Incógnitas sombras

Que incógnitas sombras
estão reservadas para o contraste
com o luar?

Que breu perscruta
debaixo das aléias
e do copado dos plátanos?

As sombras,
antes de ainda serem,
esperam em campo difuso
a geratriz da lua,
seu arco de compasso
para a demarcação
dos contornos de breu e luz.

É um convite ao amor vidente:
adivinhar as sombras
que serão reveladas ao luar.

Já que estás calada

Já que estás calada, vou falando qualquer coisa para que o silêncio não venha atear alguma tristeza ou saudade de um tempo ou lugar distante.

Para que não fira nossa insaciedade ou reabra o poço das palavras abafadas com sofreguidão.

Para que não venha à tona uma incômoda voz interior apontando outro caminho que não o estarmos um para o outro, vivendo um do outro.

Não consintamos isso, não revolvamos prados de sonho e nostalgia que o tempo deu lápide de cristal. Este silêncio pode ser pesado em demasia insuportável, letal.

Falemos, falemos muito, não deixemos hiatos entre a minha solidão e a tua.

Falemos até cansar nossas línguas até deixá-las exangues.

Não deixemos que nenhuma oportunidade de exposição se perca, não percamos nenhuma frase, nenhuma palavra nenhum fonema.

É imperativo preencher o vazio dos parágrafos e, por que não, o vazio de nossas almas inseguras.

Façamos o raciocínio voar, agir veloz o suficiente para que tarde o coração, sem interstícios que propiciem o manifesto de sentimentos mais profundos

de um passado que é chama extinta.

Dancemos ao agradável som de nossas palavras superficiais e quotidianas

de nossas frases sem consequência expressiva.
Dancemos nossas mentes sem memória
ao compasso dos substantivos concretos e abstratos
ao ritmo dos verbos de ligação.
Este silêncio que ameaça sobrevir é nocivo
à estabilidade dos estados da alma
e pode deixar-nos tão distantes de nossos corpos
que nossos olhares não ousem se cruzar.
Este silêncio é uma armadilha fatal
ao quanto possamos suportar, e faz-se necessário
desvencilhar-nos dela com ímpeto e alguma ciência.
Para que golpear-nos com violência?
Falemos! Falemos muito, e só assim haveremos
de tornar mudas as fantasias que o corpo fomenta
bem como, os estranhos caprichos do coração.

Marília

Mar e ilha,
assomo terrestre,
vastidão oceânica.

Ar marino,
convolução de lascivas vagas,
varal de faróis
- os faróis latejantes
que tremeluzem feixes-guia
ao amor e seu barco de peles.

Rocha pronunciada,
água combatente,
cristal adjacente.

Prisão de ilha,
liberdade de mar.

Na campina

Na campina, pirilampos
tricotam uma casimira brasil
a dois pares de olhos cicerones do amor.

Guaritas do quartel se mesclam na mata,
que ressuma um dia de obra natural:
pigmento de libélulas, seda de casulos,
tumor de raízes, ataque de carcarás.

O cenho da sentinela é um bujão apático.
Quiçá masque grama, quiçá sonhe
com uma mulher abrindo-se,
uma mulher distante, muito distante
das forças do minuto.

Senóide, o riacho conta que viu Blair - a louca,
profetizar com êxito o peculato do comissário
e ter um orgasmo com a lua.
Depois o riacho segue a contorcer
suas escamas incolores
ao guizo do habitual murmúrio.
Sua canção é antiga, dos avós dos avós.

Chora a gasolina que lhe ofende,
mas numa cartada, rápida catarse,
anoitece as imagens impuras
para acender mais belo o seu cristal.

O fato da beleza ser entrecortada
por agudas imperfeições, não desmerece
o assomo noturno
quando, na campina, pirilampos
tricotam uma casimira brasil
a dois pares de olhos cicerones do amor.

Não visitem o poeta

Não visitem o poeta,
ele não está neste mundo:
saiu para abarcar mosaicos do intangível.

Está auscultando quasares,
pedras de oração,
tirantes eólicos,
usinas do tempo.

Não o assustem
pressionando o botão da campainha:
seria derrubá-lo
de alturas extraordinárias.

Deixem quieto
seu corpo de espantalho
- o pensamento é pássaro pródigo.

Poeta é bicho-do-mato,
preá arisco,
roedor do imaginário.
Toma sol na solidão.

Se a pelagem é corpo fugidio
também a alma é esquiva e fluida:
configuração estelar no breu deserto,
habita o sono dos telescópios.

Poeta é bicho-do-céu.

O adágio do ancião

Ofereceste um copo de vinho
da região, amigo,
e à extensão das mãos trêmulas,
vi o trânsito do tempo
nas gretas de teu rosto.

Bebi o cálice de líquido
encorpado, intumesci artérias
postado a teu argumento.

Teu adágio: a estria das feições,
o calado olhar azul
trazendo de muito longe a vida.

Paisagem invernal

Noite gélida, tela diáfana,
pó de mármore,
limbo, silêncio, configuração da bruma,
vultos na névoa,
a lua em seu invólucro de vidro.

Toda a vez que a lembrança trabalhar,
isto tudo voltará
tal como aqui está.

Além da estética da alvura
espargida no breu noturno,
os perpetua uma paradoxal beleza:
há pulso nestes corpos frios!

Palidez do que persiste

Rosa Lígure me fez homem numa noite
que existe dentro dos ásperos desejos.
Esta noite persiste nos litorais
que o tempo beija,
e o tempo não deixa um lábio sem beijar.

Mas Rosa Lígure, para meu desespero, foi perdendo
a forma que eu guardava dela,
a força impulsiva de suas pás tenazes,
o fio da faca que usou para gravar na casca do meu couro:
eu te amo agora.

E muitas águas viajaram nos lençóis freáticos,
até que Rosa Lígure admitiu que estava se apagando
mansamente contra o muro de proteção das docas.
Pensei que a vida fosse fácil,
mas os sábios gregos escreveram muito
por trás da fresta do tempo.

Imaginem, senhores, o meu constrangimento
ao perceber que Rosa Lígure se apaga,
e queima viva feito cal atijada
nos fundamentos de minha hombridade.

Ah, Rosa Lígure, não quero prolongar este lamento
que louva o que se apaga.
Deixo-te um beijo suspenso no ar,
até que as sonâmbulas reticências se concluem,
satisfatoriamente,
e por fim descansam sem imagem.

Pedi teus olhos

Pedi teus olhos para ver as imagens que vês,
o mundo trazido a teus lábios.

Saber da fênix cujo voo teu olhar acompanha,
a colina de cruces,
o acabamento da espiga,
o estudo das formas
que fazem a opção do teu dilema.

Pedi teus olhos para ser a aduana
do teu mundo,
selar as senhas de cada impulso.
(Mesmo quando engendras subversiva passagem,
quero entender os sinais da fuga)

Pedi teus olhos para habitar-te
e andar junto a ti,
ler as aparições na íris
e ver o movimento de esperas na entrega
do teu mundo para o meu.

Perdi a hora

Perdi a hora do poente,
mas não a viagem.
Cheguei a tempo de socorrer
a dependência que tinha
dessa condenação.
O sol, executado,
deixou pistas suficientes.
Rastreei poças rubras,
vestígios
no pasto ainda quente.
Banhei-me em seus velos
encruados
nas farpas do horizonte.

Ritual

Quando traíste a verdade
que protegíamos, pérola de brilho virgem,
joguei meus pedaços ao mar
em ato solene,
pleno de simbologias
trilhando uma passarela de tochas imaginárias.

Joguei-os para que se perdessem
em águas negras e profundas,
para doá-los aos ventos do adeus,
para que fossem anônimas
as pegadas deixadas na praia,
para que fosse espuma volátil e rala
o lábio que incendiou minha boca confessional.

Pedi que fosse alucinação
o tirante sentimental,
pedi um ontem insolúvel no hoje,
pedi por navegar o sem-fim.

Quando o fim da viração noturna serenou as vagas
eu ainda sofria
e mirava reflexivo a noite austral.

Da costa vinha a cantilena dos faróis
acendendo para meu regresso prematuro.

Uma lágrima se desprende quando o céu,
com seus bilhões de olhos estrelados,
amparou uma lua sinistramente bela.

Se algum signo do ocaso

Se algum signo do ocaso
trouxer-te a mim,
qual incenso de fonte misteriosa,
seu ícone reinará na planura.

Crescerá, imponderável,
a cada milímetro de sol abatido,
definindo-te entre o dourado e o violeta.

Se algum signo do ocaso
trouxer-te a mim,
disporá calmo o instante,
- hiperestesia -
para que teu advento
invada a plaga estarecida.

Sempre a nós

Qual ondas repuxadas
voltamos sempre a nós,
e o mar que nos absorve
nos faz ressurgir
conjugados logo após a ressaca
da prisão de distância.

Entre pulsos
de ida e vinda
dos aquosos cristais, lado a lado,
de novo, dispomos as águas
do encontro e da separação.

Trabalho na pedra

Quando terminaste
o trabalho na pedra,
sentiste um prazer
incompleto
pelos olhos
que não contemplarão
o teu artesanato.

Palavras são quartzo,
mica, feldspato.

Sentiste tristeza:
vácuo inarredável
pelas vitórias da morte.

A face ausente,
os versos de granito,
colimam-se no silêncio
das obras acabadas.



27 anos de Alcance
Prêmio Jabuti

Rua Bororó, 5 - CEP 91.900-540 - Vila Assunção - Porto Alegre/RS

Fones: (51) 3346.5001 / Tim: 8233.7038 / Oi: 8437.9936

Claro: 9466.2858 / Vivo: 9616.9224

www.editoraalcance.com.br - atendimentoalcance@gmail.com